



As novas tecnologias de reprodução e suas implicações subjetivas

Juliano Moreira Lagoas

Centro Universitário de Brasília

Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília

julianolagoas@hotmail.com

Daniela Santos Ferreira

Centro Universitário de Brasília

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília

danielaferreira.dfpsi@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os impactos das Novas Tecnologias Reprodutivas (NTR's) nos processos de subjetivação de pessoas que fizeram uso delas. A partir dos conceitos psicanalíticos de fantasia, narcisismo, Eu ideal e Ideal do Eu, fez-se uma reflexão sobre os modos de simbolização da experiência reprodutiva no contexto das NTR's. No estudo, utilizou-se o método de investigação psicanalítica, tomando como objeto de análise as narrativas, as percepções e os discursos acerca do uso de NTR's. A pesquisa envolveu a realização de três entrevistas individuais com mães de filhos gerados a partir de técnicas de reprodução assistida. Foi realizada uma análise das falas das entrevistadas, considerando os desejos que se articulam em seus relatos. Observou-se que as NTR's não incidem apenas na dimensão biológica do processo reprodutivo, mas sobretudo nas maneiras pelas quais os sujeitos respondem às demandas e aos ideais que lhe são transmitidos ao longo da vida.

Palavras-chave: fantasia; reprodução assistida; sujeito; narcisismo; desejo, psicanálise.

1 Introdução

No final do século XX e início do século XXI, os avanços tecnológicos se intensificaram como nunca visto anteriormente. As transformações da natureza, do homem e da vida vêm ocorrendo de forma única. Segundo Perelson e Hasky (2015), isso se dá pela evolução de quatro grandes áreas da ciência: a nanotecnologia, a inteligência artificial, a biotecnologia e as ciências cognitivas, que se desenvolvem de forma mútua.

Existem inúmeros estudos que chamam a atenção para o possível impacto dessas novas tecnologias no sujeito e em suas relações. Na tentativa de trazer à tona as repercussões dessas tecnologias na vida humana, alguns estudiosos têm apontado para o fato de que um novo arranjo “entre corpo, subjetividade e tecnologia marca hoje o sujeito e a sociedade” (Perelson; Hasky, 2015, p. 12). A decodificação do genoma humano; as células-tronco como possibilidade de regenerar qualquer tecido orgânico; as tecnologias de reprodução manipulando a formação de um bebê e inúmeras outras tecnologias — todos esses avanços voltam-se para a mesma direção: dominar e transformar toda a esfera do corpo sob a promessa de realização dos desejos humanos mais improváveis e superação de diferentes impasses (ROSE e MARTINS, 2010). Mas até que ponto esses avanços científicos são realmente capazes de lidar com as adversidades com que o ser humano se depara?

No contexto dessa revolução tecnológica, ressalta-se a emergência e consolidação das Novas Tecnologias Reprodutivas (NTR's). Às mulheres e aos homens antes impossibilitados de terem filhos biológicos - em razão de infertilidade, por exemplo -, hoje é franqueada a possibilidade de serem progenitores. Da mesma forma, casais homoafetivos, por intermédio do recurso de barriga de aluguel ou por meio de doação de esperma, são capazes de terem filhos. Ademais, com a técnica do congelamento de óvulos, as preocupações de mulheres com a chegada da menopausa e com a conseqüente perda da possibilidade de gerar um bebê podem ser revistas.

A partir disso, nota-se um aumento significativo no uso das NTR's no Brasil, o que possibilitaria, em tese, uma previsibilidade impressionante no processo de concepção e geração de um filho. É possível saber o sexo logo após a fertilização, ou mesmo descobrir possíveis anomalias antes da implantação por meio de uma biópsia do embrião. Até mesmo certos traços podem ser escolhidos, como na ovodoação, em que se pode escolher as características físicas da doadora. Anteriormente, a concepção de um filho era marcada pela imprevisibilidade. Agora, com o avanço da ciência, anuncia-se a possibilidade de controle sobre diferentes dimensões inerentes à vinda de um filho. Porém, é realmente possível prever e controlar todo o processo reprodutivo?

Vende-se, com a utilização das NTR's, a ideia de superação dos limites impostos pelo corpo. Contudo, existem homens e mulheres que recorrem a essas tecnologias e acabam não conseguindo exceder tais limitações. Nesses casos, mesmo após diversas tentativas, essas pessoas não obtêm sucesso e, inclusive, podem acabar não descobrindo as causas de sua infertilidade. Vê-se, portanto, que algo escapa à previsibilidade que essas novas tecnologias se

propõem a deter sobre o processo reprodutivo. As NTR's também conferem outra dimensão para o corpo em relação à reprodução na medida em que separam, como nunca antes visto, o sexo da reprodução.

O sexo, anteriormente, como aponta Perelson (2009), era marcado pelo acaso, pelo inesperado. Ou seja, por meio daquele ato, poderia surgir ou não um filho, “a fecundação era da ordem do acidente e o filho da imprevisibilidade” (Perelson, 2009, p. 822). Os métodos contraceptivos também incidiram nessa separação, permitindo o sexo sem reprodução. Entretanto, a reprodução assistida, segundo Perelson (2009), possibilita “a reprodução sem sexo” (p. 823). Com isso, um novo patamar é estabelecido: agora o corpo não está, necessariamente, vinculado à reprodução. Entretanto, quais são os limites dessa separação? De que maneira o ser humano é impactado por esse novo arranjo entre corpo, sexo e reprodução?

Observa-se que a dimensão do corpo, em diferentes procedimentos de reprodução assistida, ganha novos aspectos no tornar-se pai/mãe. Além disso, sem a reprodução assistida, ter um filho envolvia a privacidade de um quarto, um “encontro carnal” entre duas pessoas (Perelson; Hasky, 2015). As NTR's rompem com os limites estabelecidos por este “quarto”, trazendo a possibilidade de um outro olhar sobre a origem deste filho.

Perelson (2013) afirma ser cada vez mais comum que profissionais da reprodução assistida recorram a psicanalistas por notarem que uma concepção estritamente médica desse processo é insuficiente para apreender toda a complexidade dos componentes envolvidos. Lanius (2008) defende que a reprodução assistida seria uma ferramenta subordinada à pulsão, colocando em pauta o desejo de ter filhos e o de tornar-se pai/mãe. Deste modo, com as NTR's, o sujeito é impactado em alguma medida, afinal essas tecnologias repercutem na subjetividade ao envolverem questões como o sexo, a reprodução, o desejo e os ideais do sujeito.

A partir do exposto, o presente artigo tem como objetivo investigar o fenômeno das Novas Tecnologias Reprodutivas, procurando compreender seus impactos nos processos de subjetivação de pessoas que utilizam essas tecnologias. Mais especificamente, trata-se de identificar e compreender as articulações entre ideais e fantasias nos processos de subjetivação.

Para uma maior clareza expositiva, o artigo foi dividido em cinco seções. Na seção a seguir, serão apresentadas as bases teórico-conceituais que subsidiarão as análises das entrevistas realizadas, além de discussões sobre a concepção de fantasia à luz de formulações freudianas e lacanianas. Também serão feitas algumas considerações sobre a dimensão do corpo na psicanálise, a constituição do narcisismo e a formação do Eu ideal e Ideal do Eu. Na terceira seção, será exposto o método utilizado; no caso, a investigação psicanalítica. Na seção seguinte,

serão apresentadas as análises do material coletado e desenvolvido ao longo da pesquisa. Por fim, as conclusões e considerações finais do artigo serão desenvolvidas.

2 A fantasia como realidade psíquica e a constituição do sujeito

A fantasia é um conceito central para se pensar o sujeito e a sua constituição. Rivera (2008) afirma que a fantasia monta os fragmentos da realidade em um esquema narrativo. É criada uma espécie de enquadramento que orientará o processo de formação do sujeito em uma estrutura de ficção. Como afirma Rivera (2008, p. 17), a fantasia é um “romance familiar” que organiza a subjetividade.

Freud, ao longo de sua teorização, expõe diversas considerações a respeito da fantasia, sendo que, desde o início de sua construção teórica, faz referência ao termo. Ainda em 1897, Freud escreveu uma carta à Fliess em que faz uso da palavra “fantasia”. Já em 1908, com *O escritor e a fantasia*, Freud se mostra intrigado com a criação literária e como elas tocam os leitores. A partir disso, faz uma comparação entre a produção do escritor e a brincadeira da criança. Freud ressalta a intensidade das atividades criativas na infância. O ato de brincar, de imaginar personagens e histórias, se constitui como um meio para a criança interagir com o mundo à sua volta, criando uma realidade própria, assim como o escritor. Um dia, a criança se torna adulta, precisando, portanto, abandonar a brincadeira, fonte de vivências prazerosas e objeto de grandes investimentos psíquicos. Nesse caso, impelido pelas exigências de renúncia pulsional inerentes à civilização, o adulto acaba por substituir o brincar pelo fantasiar (Freud, 1908/2015).

Freud (1908/2015) também afirma que a criança não se envergonha de sua brincadeira, realizando-a sem inibições. Já o adulto se envergonha de suas fantasias e as trata como algo que deve ser escondido e que remete ao infantil. Esses dois casos são motivados por desejos insatisfeitos. Na criança, há o desejo de ser grande; no adulto, há o desejo que Freud (1908/2015) separa em dois grandes grupos: os ambiciosos e os eróticos. As fantasias funcionam para realizar esses desejos e modificar a realidade insatisfatória. Vale ressaltar que, nesse texto, *O escritor e a fantasia*, Freud trata fantasia como devaneio, sem fazer uma distinção desses termos. Devaneio, como afirma Teixeira (2001) ao citar Laplanche e Pontalis (1986), diz respeito aos sonhos diurnos, às cenas e aos episódios que o indivíduo cria e conta para si mesmo em estado de vigília.

Freud, ao longo de sua obra, vai apontando diferenças conceituais entre esses termos, na medida em que avança na fundamentação das fantasias inconscientes na sua teoria. Em “Bate-se em uma criança”, de 1917, como aponta Teixeira (2001), Freud aborda a construção de uma fantasia ligada ao recalque e que ultrapassa o princípio do prazer. Porém, ainda em 1908, Freud faz apontamentos importantes ao articular fantasia com desejo e experiências infantis. O autor marca a insistência de uma insatisfação e, em alguma medida, de um desejo que nunca é realizado de fato, pois, se a fantasia existe, algo insatisfeito persiste, algo falta. Na realidade, a realização do desejo retifica a insatisfação, conforme é assinalado por um “movimento errático” (Rivera, 2008, p. 22). Lacan trabalhará, como será exposto adiante, uma concepção de fantasia que versa com a impossibilidade de satisfação plena. Carreira (2009) afirma que a fantasia carrega esse paradoxo: a satisfação do desejo, o prazer, está ligado ao desprazer, pois a tentativa da fantasia de realizar o desejo é sempre falha. Seu intuito não é satisfazê-lo integralmente, mas criar uma cena para que esse desejo possa aparecer.

Laplanche e Pontalis (1990) afirmam que, ao analisar a construção do conceito de fantasia na obra de Freud, pode-se afirmar que sua formulação gira em torno, principalmente, da oposição entre um lado que se inclina à satisfação por meio da ilusão, e um outro ligado ao princípio da realidade. A fantasia estaria entre esses dois lados. É a partir disso que ela se torna uma realidade psíquica que acompanha o sujeito durante todo o ciclo de sua vida: no seu nascimento, na descoberta de sua sexualidade, na escolha de uma profissão, na escolha do seu objeto amoroso e no desejo de tornar-se pai/mãe.

A constituição da fantasia, em alguma medida, é instigada na infância. A criança, ainda bebê, vivencia uma multiplicidade de percepções, toques, necessidades, prazeres e desprazeres que compõem o seu mundo. Ao longo de seu desenvolvimento, o bebê se depara com diferentes questões para as quais procura respostas em seu núcleo familiar. A essa altura, inúmeros pais são confrontados com a embaraçante pergunta sobre a origem dos bebês. À pergunta “de onde vem os bebês?”, sucedem-se mitos e enigmas em torno da origem da vida e, conseqüentemente, da origem do próprio sujeito: “quem eu sou e de onde eu venho?”. De acordo com Freud, essa seria uma das primeiras perguntas que a criança endereça ao outro (JORGE, 2010). E é por meio dela que se dá a sua entrada no campo da linguagem e do simbólico. Quanto menos saber a criança tem sobre a questão, mais se vê encorajada a contornar essa falta com suas próprias elaborações.

2.1 A estrutura da fantasia e a dimensão do corpo

O desejo que a fantasia sustenta é caracterizado por uma tensão que visa a satisfação, e é nessa tensão que a fantasia opera, a serviço de encenar, em alguma medida, a realização do desejo. Ela cria uma cena na qual esse desejo possa emergir, possuindo, ao mesmo tempo, duas dimensões: estimulação e defesa em face do desejo (NASIO, 2007). Por conseguinte, a fantasia aponta para o real e envolve algo de inassimilável para o sujeito.

Lacan, ao longo de seus seminários, escreve diversos grafos para mostrar como o sujeito opera. Ele se utiliza de matemas para descrever essas operações. No seminário intitulado “A lógica do fantasma”, de 1966-1967, ele se dedica ao matema que criou para representar a lógica da fantasia. Essa lógica é escrita como $\$ \langle \rangle a$. O símbolo $\langle \rangle$ é denominado por Lacan de punção, denotando uma condição de inclusão e, ao mesmo tempo, separação entre o sujeito barrado ($\$$) e o objeto causa de desejo (a) (Lacan, 1966-1967/2008). O que articula esse sujeito ao objeto é o próprio significante, sendo essa articulação organizada a partir da demanda que o Outro impõe ao sujeito e da falta com que ele se depara, como afirma Carreira (2009). Com base nessa lógica, pode-se afirmar, com Nasio (2007), que os elementos formais da fantasia são: o objeto, o significante, o sujeito e a imagem, sendo que o sujeito toma para si um significante que vem do Outro para se designar.

O sujeito barrado, marcado pela falta, pela perda de algo que, na realidade, nunca existiu, é o que faz surgir o a . A partir dessa lógica, a fantasia é o enfrentamento permanente entre o $\$$ e o a . (Lacan, 1959/2016). Como Kehl (2009, p. 91) afirma, a fantasia é “um modo de negociar o objeto a , em sua função de *causa de desejo*, em troca da demanda do Outro”.

A compleição psíquica do sujeito, de suas fantasias e de seus ideais também está ancorada no corpo. Os processos de subjetivação, como o autoerotismo e o narcisismo, são responsáveis por unificar o corpo que, até então, se encontrava fragmentado. A constituição da unidade do Eu também é a constituição do próprio corpo. Lazzarini e Viana (2006) afirmam que a abordagem do corpo na obra de Freud revela que ele é habitado pelo somático e também é espaço do desejo inconsciente, espaço de sua realização, sempre encenada. Falar do corpo remete à origem da psicanálise. Freud, médico e estudioso do corpo biológico, se intrigou com sintomas corporais que não tinham explicações na medicina. Contudo, como afirmam Lazzarini e Viana (2006), a dimensão do corpo na psicanálise vai além do campo somático, fazendo referência à história e à emergência do próprio sujeito. Referindo-se a Mandet (1993), as autoras apontam que o corpo psicanalítico remete a uma representação inconsciente que é constituída por meio das fantasias e da história de vida do sujeito, sendo um corpo inserido na linguagem.

Freud, ao longo de sua obra, aborda o corpo na perspectiva de sua teoria pulsional. Ele faz esse percurso principalmente ao abordar a sexualidade presente na infância. De acordo com Lazzarini e Viana (2006), nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, afirma-se que a fantasia se efetiva no corpo pulsional. Além disso, as autoras observam que “é como corpo pulsional, que o corpo pode ser autoerótico e narcísico” (Lazzarini; Viana, 2006, p. 244).

Lanius (2008) menciona casos de mulheres que possuem um diagnóstico de Esterilidade Sem Causa Aparente, que é motivo de diferentes discussões e conflitos no meio médico e psicanalítico. A princípio, como citado anteriormente, os médicos não encontram um fator causal para esse corpo rotulado como infértil. Dessa forma, os possíveis motivos dessa infertilidade podem ultrapassar a dimensão biológica. As NTR's se propõem a repercutir no corpo biológico; porém, suas implicações aparentam exceder esse aspecto e incidir em diferentes esferas do sujeito, como será discutido adiante.

2.2 O narcisismo e a diferenciação do Eu ideal e Ideal do Eu

Em sua “Introdução ao Narcisismo”, Freud (1914/2010) postula a existência de duas formas de narcisismo, a saber, o primário e o secundário. O primeiro consiste no investimento que a criança faz na imagem de seu próprio corpo, unificando-a e tornando-o objeto de investimento libidinal. É sobre a base desse mítico momento de surgimento do Eu que se assentarão as escolhas objetais do sujeito advindo daí.

Por sua vez, o narcisismo secundário designaria o retraimento da libido objetual para o Eu, numa tentativa de recuperar a também mítica satisfação experimentada à ocasião do narcisismo primário. Freud relaciona esse narcisismo a uma retomada que a criança faz, para si, de investimentos libidinais antes depositados nos objetos (Marcos, 2016) — retomada que será feita em proveito de o Eu modificar a si próprio segundo o modelo de seus objetos de amor, o que significa dizer: tentar identificar-se a um Ideal de Eu com o qual se medirá em sua tarefa de oferecer-se como objeto de amor do outro e, assim, retornar à posição de Eu ideal.

E é nisso que se faz importante considerar-se que o Eu é constituído a partir de um Ideal do Eu, que estaria ligado à moral, à educação e às exigências postuladas pelos pais e pela sociedade. Da internalização desse Ideal resultará a formação de uma instância psíquica responsável por observar, julgar e punir o Eu, a saber, o Supereu. De tal modo que o supereu, separado do Eu, funcionará como convite às identificações, direcionando o Eu à satisfação de suas pulsões, ao mesmo tempo em que agirá como portador da Lei que interdita essa mesma

satisfação, expressando, assim, a tensão, estruturante do psiquismo, entre o desejo e a Lei (Lewkovitch; Grimberg, 2016).

Paralelamente, o narcisismo possui um papel fundamental no desenvolvimento da sexualidade do sujeito. Freud (1914/2010) nos mostra que o desenvolvimento da libido no narcisismo influencia na escolha do objeto sexual do sujeito. Segundo ele, originalmente, o homem possui dois objetos sexuais: a pessoa que o cria e ele próprio. Desde esse momento, o narcisismo já se apresenta, podendo se manifestar de forma dominante na escolha amorosa do sujeito.

Lacan (1953-1954/1986) afirma que o Eu ideal está no campo do imaginário, e o Ideal do Eu, no do simbólico. Dessa forma, o Eu ideal diz respeito à imagem do sujeito. No estágio do espelho, a criança vê uma imagem que, a princípio, ela não atribui a si mesma. Para isso, é necessário um Outro que dê unidade e aponte que essa imagem pertence à criança. A partir dessa operação, cria-se uma concepção unificada do corpo e de completude do sujeito, relacionando-se ao narcisismo primário proposto por Freud. O Eu ideal refere-se justamente a essa imagem narcísica, sendo uma espécie de projeção que o sujeito faz de si mesmo (Lewkovitch; Grimberg, 2016). De tal modo que esse ideal se liga àquilo que o sujeito gostaria de ser, ao que acredita que o Outro espera dele. Já o Ideal do Eu se refere à posição simbólica que o sujeito ocupa. Esta posição diz respeito à relação estabelecida com os significantes e o laço com o outro, ao modo que o sujeito lida com a lei que o insere nessa dimensão. Ela orientará a dimensão imaginária. Como atesta o estágio do espelho, é necessário um Outro para que se crie uma primeira imagem do Eu (Lacan, 1953-1954/1986). Sendo assim, o Ideal do Eu guia as escolhas objetais do sujeito - isto é, o seu desejo.

O narcisismo primário também é ressaltado na relação dos pais com os filhos. Freud observa que existe um retorno do narcisismo, outrora abandonado, dos pais sobre o filho. Antes mesmo de seu nascimento, a criança já é investida em uma rede de desejos dos pais. Essa operação coloca o filho no campo do Outro, inserindo os significantes e a esfera simbólica na qual o sujeito irá construir sua imagem, sendo articulada a partir de sua fantasia (Lewkovitch; Grimberg, 2016).

3 Método

A pesquisa, cujos resultados apresentamos a seguir, teve como base metodológica os princípios e as contribuições teórico-clínicas da psicanálise. Trata-se de uma investigação

psicanalítica, tendo como objeto de análise os processos de subjetivação de pessoas que tiveram filhos por meio da utilização de Novas Tecnologias Reprodutivas.

Sendo uma pesquisa em psicanálise, a experiência é indissociável do método e da teoria. Assim, a construção deste trabalho considerou a imprevisibilidade e a singularidade do sujeito inconsciente, composto por uma articulação entre significantes, sendo que ele se constitui em uma junção entre real, simbólico e imaginário (Lacan, 1964/1988). A pesquisa em psicanálise tem como estratégia de análise o trabalho com os significantes que se fazem presentes no discurso do sujeito, e não com os signos, como afirma Iribarry (2003), pois são eles que apontam para o desejo inconsciente. Assim, tentamos nos apropriar da materialidade da fala do sujeito para analisar os ditos no nível da enunciação, não se restringindo, portanto, ao nível do enunciado. A escuta do pesquisador deve estar atenta ao sujeito do inconsciente e suas manifestações. Além disso, não deve se furtar de uma hipótese a priori para ser encontrada na fala do sujeito, pois é necessário considerar as especificidades de quem enuncia, ponderando o contexto social, a história, as idealizações e os dogmas (Rosa; Domingues, 2010).

Inicialmente, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética do Centro Universitário de Brasília. Após aprovação, foi realizado o recrutamento dos participantes. A pesquisa foi dividida em duas etapas. Primeiramente, foi realizada uma triagem inicial por meio de um questionário na plataforma *Google Forms*, disponibilizado e anunciado em perfis do *Instagram* e em comunidades do *Facebook* destinadas a pessoas que tinham interesse, que já utilizaram ou que estavam fazendo uso de alguma NTR. O questionário foi composto por dados sociodemográficos, além de questionamentos básicos referentes ao uso das NTR's. Por fim, havia uma solicitação de que o participante informasse se teria interesse em participar da segunda fase da pesquisa, que consistiu na realização de uma entrevista semiestruturada.

Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, tendo como base um roteiro contendo as seguintes perguntas, tais quais: (i) teve alguma dificuldade ao longo do processo?; (ii) como foi decidir-se pela reprodução assistida?; (iii) como você se sentiu?; (iv) qual foi a reação da família?; e (v) foi uma decisão conjunta com o parceiro/a?

Antes da realização da entrevista, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes. Ao todo, foram realizadas três (03) entrevistas individuais com três (03) mulheres que se utilizaram de algum procedimento de reprodução assistida. As entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas.

Utilizar-se de entrevistas, assim como da psicanálise, como método de investigação não é uma busca por um sentido unívoco sobre o discurso do entrevistado. A entrevista deve

ser tomada a partir de seu aspecto polifônico, considerando a polissemia dos sentidos presentes nas enunciações do entrevistado (SILVA, 2013). Busca-se, dessa forma, considerar o sujeito do enunciado no nível da multiplicidade de sentidos que se articulam na experiência da fala (SILVA, 2013). As narrativas dos entrevistados foram consideradas modos de simbolização da realidade, expressando, em alguma medida, suas fantasias, seus ideais e suas posições subjetivas.

A partir disso, a análise do material foi guiada pelos seguintes procedimentos: (i) identificar as posições subjetivas dos participantes no discurso; (ii) verificar elementos de expressão não-verbal e (iii) detectar possíveis fantasias e ideais do sujeito.

4 Análise das entrevistas

Maria,¹ uma das entrevistadas, à época, tinha 53 anos de idade, sendo mãe de dois filhos gêmeos gerados através de uma fertilização *in vitro*² (FIV). A participante realizou a reprodução assistida há anos atrás. Ao narrar o seu processo e a decisão de utilizar uma tecnologia de reprodução, Maria afirma que, na época, descobriu uma endometriose grave, o que diminuiu significativamente suas chances de engravidar. Mais adiante, ela informa que toda sua família engravidou com facilidade, que todos eram “muito férteis” (Maria), de modo que ela seria a primeira a não seguir esse padrão familiar. Maria, ao receber o diagnóstico de infertilidade, se deparou com o ideal de fertilidade que recebeu de sua família. A escolha pela utilização de tecnologias de reprodução assistida exprime, em alguma medida, o conflito psíquico que o sujeito experimenta na relação com seus ideais e com fantasias há tempos encenadas.

A ideia de uma família “toda fértil” parece estar inserida no campo imaginário. Essa ideia pode estar sendo nutrida por um Eu ideal, caracterizado por uma “plenitude imaginária” (Rocha, 1999, p. 337) de fertilidade, relacionada a uma totalidade sem hiências, que faz referência ao lugar do sujeito no desejo do Outro. Já a escolha pela utilização de tecnologias reprodutivas estaria no campo simbólico, fazendo referência ao Ideal do Eu. Como afirma Lacan (1953-1954/1986), esse ideal desempenha um papel central nos processos identificatórios. No caso de Maria, realizar a FIV abre um caminho na direção de recuperar um

¹ A fim de se garantir o sigilo das participantes, todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, não guardando nenhuma relação com a realidade.

² A fertilização *in vitro* envolve técnicas de reprodução humana que permitem a fertilização e o desenvolvimento embrionário fora do corpo, com o objetivo de uma gestação futura. Essas técnicas acontecem a partir do manuseio dos gametas, proporcionando a fecundação do óvulo com o espermatozoide.

gozo perdido, já que considera a sua infertilidade como algo capaz de colocar em questão o ideal de fertilidade presente na história familiar.

Segundo Rocha (1999), o Ideal do Eu é uma instância que abre espaço para a alteridade, a partir do qual o Eu pode reconhecer as suas deficiências, um horizonte de transformação subjetiva, estimulando o sujeito a “buscar fora de si um ideal” (p. 338). Assim, recorrer à reprodução assistida revela uma abertura de Maria à dimensão da alteridade, o que a permite assumir uma posição simbólica que coloca em cena o seu desejo.

Bela, a segunda entrevistada, tinha 40 anos de idade. À época da entrevista, encontrava-se no sexto mês de uma gestação fruto de FIV e associava a sua infertilidade a um dito materno: “minha mãe sempre falou que eu não iria conseguir engravidar, que eu seria igual a sua tia, que nunca teve filhos. Eu teria dificuldade para engravidar” (Bela), revelou em certo momento de sua fala.

Ao longo da entrevista, Bela assume que não era infértil e nem possuía nenhuma condição médica que a impedisse de engravidar; na realidade, a infertilidade era do marido: “a infertilidade maior estava nele, não estava em mim” (Bela). Contudo, ela se considera infértil. Ou seja, mesmo tendo conhecimento da infertilidade do marido, Bela se coloca em uma posição de infertilidade. O marido não era inteiramente responsável pela infertilidade; uma parte dessa responsabilidade ela atribuía a si mesma. Revela-se aí uma identificação com o significante “infertilidade” transmitido pelo dito materno. Através desse processo identificatório, Bela incorpora a infertilidade vinda do Outro.

É importante observar que a fala da entrevistada traz à tona a cena fantasística que sustenta a sua identificação com o dito materno. À questão sobre o desejo da mãe, isto é, sobre o que a mãe quer dela, Bela responde com a fantasia de infertilidade. Escrevendo a fórmula da fantasia como $\$ \langle \rangle a$, Lacan (1966-1967/2008) aponta para uma ligação entre o sujeito barrado ($\$$) e o objeto (a). Essa ligação é feita pelo significante que vem do Outro e designa o sujeito. Essa estrutura assemelha-se àquela dos processos identificatórios, na medida em que algo de fora é incorporado, revelando que a identificação é uma fantasia. No caso de Bela, ela constrói uma fantasia a respeito de sua própria fertilidade, o que sustenta a sua identificação com a tia-avó.

O desejo de ter um filho perpassa diferentes questões familiares das entrevistadas, principalmente suas relações com os pais. A fertilidade e a infertilidade tocam em questões iniciais da constituição do sujeito, em suas primeiras fantasias. A maneira com que se estabelecem os laços na dinâmica familiar e os modos que o sujeito encontra para elaborar isso

que vem do outro terão papel decisivo em seus futuros laços, assim como em sua relação consigo mesmo.

Ana, a terceira entrevistada, mãe de gêmeas, tinha 50 anos de idade à época, e afirmava que ficara cerca de cinco anos tentando engravidar, tendo feito inúmeras FIV's sem sucesso. Após diversas tentativas, o médico lhe informou que a única opção viável no seu caso seria a ovodoação, isto é, o óvulo de uma doadora seria fecundado com o esperma do marido. Ao relatar essa vivência, Ana relata: “eu sempre gostei de mim, da minha aparência. Na hora pensei: não vão levar nada de mim? Não vai ter nada meu?” (Ana). O incômodo com o fato de as filhas não “levarem” nada dela nos lembra que uma das fantasias fundamentais do ser humano é a da imortalidade (Freud, 1913/2012). O desejo de gerar um filho talvez se relacione com essa fantasia, com o desejo de manter vivo algo seu para além de sua morte. Ela queria que as filhas perpetuassem algo seu. Trata-se de um investimento na própria imagem e um retorno do narcisismo um dia abandonado, e agora encarnado na relação com as filhas (FREUD, 1914/2010).

Apesar desse incômodo, Ana teve suas filhas por meio da ovodoação, pois ela queria vivenciar o processo da gestação. Ela queria amamentar, ver sua barriga crescer e passar pela experiência do parto. O desejo da participante não era apenas o de ser mãe, mas, sobretudo, um desejo de gestação, de experimentar no corpo o processo gestacional. Como apontam Lazzarini e Viana (2006), as pulsões são impressas no corpo do sujeito, sendo assim um lugar para a realização de desejos inconscientes. Esses desejos ganham forma a partir das fantasias do sujeito, e o corpo, atravessado pela linguagem, se torna o *locus* privilegiado da satisfação pulsional (NASIO, 2007). Verifica-se também em outras participantes esse desejo de gestação. Tanto para Ana quanto para Maria, a adoção não era uma opção, pois o filho tinha que nascer delas. Isso também dialoga com o narcisismo, pois não basta ter um filho no sentido simbólico; imaginariamente, ele deve se assemelhar ao próprio indivíduo. Ana encontrou uma forma de assemelhar-se às suas filhas: “falam que as meninas se parecem demais comigo. Não só o jeito, fisicamente elas parecem muito comigo” (Ana). Fantasiando que as filhas se parecem “fisicamente” com ela, a entrevistada parece criar uma realidade coerente que aponta para a realização de seus anseios narcísicos.

Já Maria relata que, quando os filhos eram crianças, o marido pediu um teste de DNA que confirmasse a sua paternidade: “nós fomos para um laboratório, porque ele cismou que queria fazer um teste de DNA” (Maria). A entrevistada afirmou que, à época, o companheiro teve conhecimento, por meio de uma reportagem jornalística, de práticas

antiéticas envolvendo clínicas de fertilização. A partir disso, começou a desconfiar se os bebês seriam, de fato, seus filhos biológicos. Essa desconfiança do marido se alimenta possivelmente do fato de não ter presenciado o procedimento de geração e implantação do embrião. Os responsáveis por realizar o ato da fecundação não foram os pais, mas os médicos. Portanto, a presença desse terceiro reintroduz a questão da paternidade e da verdade.

O marido se indagou sobre o uso de seus espermatozoides. “Saber se a criança vem mesmo de mim” (Ansermet, 2016, p. 3) é algo evocado pela demanda por um teste de DNA. Ansermet (2016) ressalta que as NTR’s expõem o impensável da procriação, um saber ao qual não temos acesso senão pela via dos efeitos que produz em nossa subjetividade. O momento da concepção permanece um enigma insondável. É algo que implica uma dimensão de impossível na constituição do sujeito. A reprodução assistida, em alguma medida, ressalta e evidencia essa dimensão.

Além disso, essas tecnologias trazem a promessa de subversão da inexorável passagem do tempo. Com o congelamento de embriões, tem-se o controle do momento em que o bebê irá nascer, comportando a “possibilidade de saltar gerações” (ANSERMET, 2016, p. 3). Bela, uma das participantes, diz que “tem mais três embriões lá guardados. Eu falo para o meu marido, vamos ter esse bebê primeiro e ver como vamos ser como pais. Dependendo de como for, eu tô indo lá buscar outro” (BELA). A participante afirma que, dependendo da sua performance como mãe, implantará os embriões congelados. Ela tem a possibilidade de escolher o momento considerado ideal para a vinda de seu segundo filho. Deste modo, os embriões congelados podem funcionar como uma espécie de garantia da vinda de um bebê.

5 Considerações Finais

Este trabalho buscou compreender as possíveis implicações das tecnologias de reprodução nos processos de subjetivação de pessoas que se utilizam dessas técnicas. As análises realizadas procuraram levar em conta a singularidade da história de cada entrevistada, reconhecendo-se, bem entendido, os limites que uma situação não-clínica, tal como é o caso de uma entrevista, impõem a essa tarefa. Foi possível, nesse sentido, identificar a presença de angústias, ansiosos, incertezas e desejos, em torno dos quais se estruturam as experiências dos sujeitos entrevistados com as tecnologias reprodutivas.

Ao longo da pesquisa, pôde-se observar que as NTR’s repercutem nos questionamentos sobre a procriação, o nascimento de um filho e a origem da vida. As

tecnologias de reprodução apontam para a impossibilidade de dar conta da totalidade da experiência reprodutiva e da geração da vida. Nos processos de simbolização, há sempre um resto que retorna ao sujeito sob a forma do enigma do desejo.

A partir das falas das entrevistadas, evidenciou-se o papel fundamental do narcisismo e dos conflitos entre as instâncias do Eu ideal e Ideal do Eu na experiência da utilização de tecnologias reprodutivas. Foi possível perceber que o desejo de engravidar dessas mulheres se relaciona, em alguma medida, com aquilo que acreditam que o Outro espera delas e, conseqüentemente, com a exigência de estarem à altura de seus ideais. As entrevistas mostraram que o filho desejado se insere em uma história que o antecede, fazendo referência à filha que essas mulheres foram e são.

Recorrer à reprodução assistida para se tornar mãe ou pai vai além do filho propriamente dito (LANIUS, 2008). Observou-se que as NTR's não incidem apenas na dimensão biológica do processo reprodutivo, mas sobretudo nas maneiras pelas quais os sujeitos respondem às demandas e aos ideais que lhe são transmitidos ao longo da vida. Concluiu-se, nesse sentido, que a fertilidade e a infertilidade não são apenas conceitos ou fatos biológicos. Ser fértil ou infértil refere-se a experiências subjetivas que se organizam em um cenário complexo, no qual desejos, fantasias e ideais se entrelaçam de maneira a formar uma realidade que não cessa de nos interrogar.

Referências

ANSERMET, François. O avesso da procriação. *Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais - Almanaque*, Belo Horizonte, v. 10, n. 18, 2016.

CARREIRA, Alessandra Fernandes. Algumas Considerações sobre a Fantasia em Freud e Lacan. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 157-171, abril/jun. 2009.

FREUD, Sigmund (1908). O escritor e a fantasia. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.p. 325-338.

FREUD, Sigmund (1913). Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, v. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 7-176.

FREUD, Sigmund (1914). Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, v. 12 São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.10-37.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é a pesquisa psicanalítica? *Àgora*, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, p. 115-138, jan/jun 2003.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. A clínica da fantasia. In: *Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan*, v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LACAN, Jacques (1966-1967). *A Lógica do Fantasma*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.

LACAN, Jacques. (1953-1954). *O seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. Jacques (1964). *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. Jacques (1959). *O Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

LANIUS, Manuela. *Reprodução artificial: Os Impasses do Desejo*. 2008. 157f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Porto Alegre, 2008.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. *Fantasia Originária, Fantasia das Origens, Origens da Fantasia*. Segunda edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 22, n. 2, p. 241-249, maio/ago. 2006.

LEWKOVITCH, Andréa Di Pietro; GRIMBERG, Angélica Bastos de Freitas Rachid. A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, ideal do eu e supereu. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 16, n.4, p. 1189-1198, 2016.

MARCOS, Cristina Moreira. A introdução do narcisismo na metapsicologia e suas consequências clínicas. *Analytica*, São João del-Rei, v. 5, n. 8, p. 6-30, jan/jun 2016.

NASIO, Juan David. *A Fantasia: O prazer de ler Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

PERELSON, Simone; HASKY, Flávia. A Tecnociência, a Medicina da Reprodução e a Psicanálise: Uma Nova Peste? *SIG Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, v. 4, n. 6, p. 11-21, jan-jun 2015.

PERELSON, Simone. Os embriões congelados: da falta ao excesso. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. IX, n.3, p. 815-837, set 2009.

PERELSON, Simone. Psicanálise e Medicina Reprodutiva: Possíveis Colaborações e Indesejáveis Armadilhas. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 241-261, 2013.

RIVERA, Tania. *Cinema, imagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

ROSE, Nikolas; MARTINS, Emerson Rodrigo Pinheiro. A biomedicina transformará a sociedade? O impacto político, econômico, social e pessoal dos avanços médicos no século XXI. *Psicologia & Sociedade*, v. 22, p. 628-638, 2010.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica e de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 22, n. 1, p. 180-188.

ROCHA, Zeferino. Desamparo e Metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. *Síntese - Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 26, n. 86, p. 331-346, 1999.

SILVA, Denise Quaresma. A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 39, p. 37-46, julho 2013.

TEIXEIRA, Thaís de Souza. Delírio, fantasia e devaneio: sobre a função da vida imaginativa na teoria psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. IV, n. 3, p. 67-88, 2001.

The new reproductive technologies and their subjective implications

Abstract: The aim of this article is to analyze the impact of New Reproductive Technologies (NRTs) on the subjectivation processes of people who have used these technologies. Based on the psychoanalytic concepts of fantasy, narcissism, the ideal self and the ideal of the self, the aim was to reflect on the ways in which the reproductive experience is symbolized in the context of NRTs. The study uses psychoanalytic research as its method, analyzing narratives, perceptions and discourses about the use of NRTs. The research involved three individual interviews with mothers of children generated through assisted reproduction techniques. The interviewees' statements were analyzed, taking into account the desires articulated in their accounts. It was observed that NRTs do not only affect the biological dimension of the reproductive process, but above all the ways in which subjects respond to the demands and ideals that are transmitted to them throughout their lives.

Keywords: fantasy; assisted reproduction; subject; narcissism; psychoanalysis.

Recebido: 30 setembro 2023

Aprovado: 09 novembro 2023